

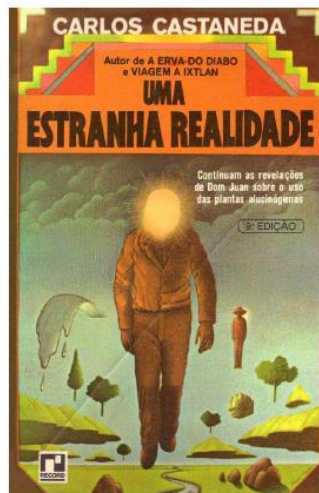


Resenha
Review

CASTAÑEDA: UMA ETNOGRAFIA DA EVITAÇÃO¹

CASTAÑEDA: AN ETHNOGRAPHY OF AVOIDANCE

Raoni Borges Barbosa²



A leitura de Castañeda ainda inspira o etnógrafo juvenil! Isto é, aquele sincero estudante sedento de deslocamento geográfico longínquo e de imersões interiores que tatuam espiritualmente em definitivo a biografia e sintoniza-se de imediato com a proposta de estar entre a alteridade radical e de apreender os sentidos íntimos daqueles

¹ RESENHA: CASTAÑEDA, Carlos. **Uma estranha realidade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.

² Doutor em Antropologia. Pesquisador Bolsista DCR-CNPq FAPEPI. Professor Permanente do PPGAnt-UFPI. E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com

idiomas simbólicos, comportamentais e, sobretudo, cosmológicos; estes últimos praticamente intraduzíveis para qualquer racionalização escrita alienígena!

Ainda há, porém, ou deve haver, para além da Terra Plana e de seus habitantes aplainados, nebulosas Ilhas Andaman, abafadas Terras Zande, indecifráveis Culturas Ndembo e submersos Continentes Guiano-Caribenhos e Indo-Pacíficos por visitar! Antes que o bicho-papão do gabinete asséptico e caricatural da burocracia ocidental sufoque o espírito sadio; pois que para tal não faltam as obrigações analíticas sobre as bagatelas teórico-metodológicas por qualificar e defender ou, tanto mais empobrecedor, as disputas moral-identitárias de reconhecimento e empoderamento pseudopolíticos, de participação e inclusão pseudodemocráticos, de visibilidade e oralidade pseudorrepublicana etc.

Castañeda, com efeito, estava longe dessas desiderabilidades inerentes ao jogo social mesquinho do capitalismo euroamericano ao exercitar etnograficamente o sentimento e a compreensão sobre a magia e a eficácia simbólica das ervas do poder nas ritualidades indígenas mexicanas. Etnicidade, Gênero e Subalternidade, nesse diapasão, foram sumariamente preteridos em termos de interesse antropológico em favor da ontologia e da epistemologia Yaqui, um modo de ser extra cartesiano e de poder conhecer suprassensível.

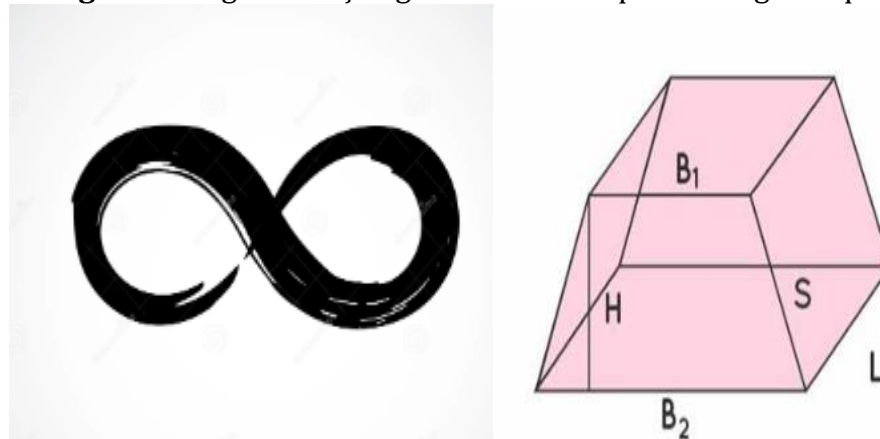
Nesses nossos atuais contextos tanto socioculturais quanto acadêmicos de tecnificação vazia da linguagem, bem como de produtivismo inquieto de quase-argumentos científicos, como, então, poderia deixar de seduzir a narrativa castañediana de aprendizado labirinticamente profundo e vertiginosamente parcimonioso em sessões de ritualidades face a face com o xamã Dom Juan em pessoa e memória, lá no deserto de Sonora, no apartado e abrasador chaparral mexicano, entre antitéticos Yaquis e Huicholes com suas ervas do poder e toda uma cosmologia fantástica que faz parecer o conto fabuloso de Marques uma monotonia narcísica em um Macondo sem bruxos, feiticeiros, aliados, gigantes caninos e abelhas manométricas guardando o encantado buraco de entrada e saída que separa os mundos e dimensões dos movimentos da vida?

Castañeda, contudo, na contramão de um exotismo fácil e barato que transformasse Dom Juan e Dom Genaro em *índios matutos mexicanos irracionais supersticiosos*, abusa, talvez, da neutralidade axiológica e da dúvida metodológica do etnógrafo que compulsivamente anota séries dostoievskianas intermináveis de descrição êmica dos fenômenos. Enquanto isso, Dom Juan e Dom Genaro riem, exasperam-se, ressentem-se e entristecem-se com a recusa de Castañeda a afetar-se pela cosmologia Yaqui, preservando trincheiras morais-emotivas e cognitivo-comportamentais de proporções geológicas.

A etnografia da evitação de Castañeda, nesse sentido, registra as lições xamânicas sobre como *viver como um guerreiro*, sempre espiritualmente pronto para o combate com entidades extradimensionais, de maneira que o bruxo não tenha sua alma sequestrada pela ação de um feiticeiro ou de uma outra entidade-espírito; sobre como atingir o conhecimento de *ver* o mundo, atravessando, destarte, escudos (protetores) e brechas (corporais) de bruxos, feiticeiros, aliados, espíritos da água e do lugar e do guarda dos mundos; e sobre como suportar e acessar gravidades e sonoridades ultraterrenas, mobilizando os feixes de luzes que compõem o humano corpóreo, essa cabeça de ovo iridescente ambulante. Registro esse em tom quase durkheimiano: moralmente cético e des-religiosizante, intelectualmente sóbrio ao ponto da quase caretece.

A teoria epistemológica Yaqui, sucintamente descrita por Dom Juan já nos momentos finais do diário de campo de Castañeda, surpreende o leitor com a sua estrutura de projeção infinitesimal de oito vértices em expressão planisférica de cobra do destino envolta sobre si e em figuração tridimensional trapezoidal.

Figura 1: Argumentação gráfica sobre a epistemologia Yaqui.



Fonte: Do autor.

Esses recursos gráficos acionados por Don Juan enfatizavam que o sentimento e a compreensão, enquanto modelos racionais de apreensão humana do mundo, eram apenas duas das oito capacidades – habilidades – competências que um guerreiro e homem de conhecimento devia desenvolver em sua caminhada rumo às desimportâncias existenciais de um mundo em transformação, mas jamais em repouso nirvânico (como bem refutou jocosamente Dom Juan): “*Ver* faz a gente entender como tudo é sem importância” (Castañeda, 1971, p. 190).

Não obstante, Dom Juan fortalecia o papel do *manejar*, por parte do guerreiro e homem de conhecimento, como uma das oito capacidades – habilidades – competências que a razão cartesiana de Castañeda lhe impedia de aprender, transcendendo, deste modo, as fronteiras entre os mundos. Nem mesmo o peiotl sagrado, a força mágica de Mescalito e o recurso ao fuminho do cachimbo xamânico carregado de ervas do poder convenceram o etnógrafo a deixar-se afetar e atravessar pelo conhecimento nativo oriundo do chaparral mexicano, de sorte que até o fim de sua imersão etnográfica prenhes de travas e evitações se preservou enquanto self euroamericano moderno (Castañeda, 1971, p. 297):

Minha mente recusava-se a absorver esse tipo de estímulos como sendo "reais" e, no entanto, depois de dez anos de aprendizado com Dom Juan, ela não podia mais sustentar meus velhos critérios comuns do que é real. Contudo, todas as especulações que eu tinha engendrado até então sobre a natureza da realidade tinham sido simples manipulações intelectuais; a prova era que, sob a pressão dos atos de Dom Juan e de Dom Genaro, minha mente tinha chegado a um impasse.

Dom Juan olhou para mim e havia tanta tristeza em seus olhos que comecei a chorar. As lágrimas caíam livremente. Pela primeira vez em minha vida, senti o peso estorvante de minha razão. Uma angústia indescritível apoderou-se de mim. Gemi sem querer e abracei-o. Deu-me um tapa rápido com os nós dos dedos em cima da cabeça. Senti um arrepio pela espinha. Aquilo teve um efeito calmante.

As palavras finais de Dom Juan sobre as limitações cognitivistas do naturalismo e do cartesianismo de Castañeda, mesmo dez anos após intensos exercícios mediúnicos e fitoterápicos chega mesmo a assustar o leitor (Castañeda, 1971, p. 298):

Calou-se por um momento. Eu sabia que ele estava olhando para mim, mas desviei o olhar.
— Nada mudou realmente em você — disse ele.

Cronologia do Processo Editorial *Editorial Process Chronology*

Recebido em: 11/05/2024
Aprovado em: 29/05/2024

Received in: May 11, 2024
Approved in: May 29, 2024